

Os problemas de formação no uso das novas técnicas em Portugal *

Gabriela Lopes da Silva **

RESUMO — Apresenta-se de forma sintética o panorama da formação profissional no domínio da Informação em Portugal. Salientam-se algumas características do *curriculum* do novo curso de especialização para bibliotecários e documentalistas que revelam a preocupação de preparar estes profissionais para a aplicação das novas tecnologias neste campo.

ABSTRACT — The scenario of education in the field of information in Portugal is briefed. Attention is drawn to some aspects in the *curriculum* of the new post-graduated course for librarians and documentalists that reveal the concern of preparing these professionals to cope with the introduction of the new technologies to this field.

I — INTRODUÇÃO

A formação profissional é uma preocupação generalizada da nossa época e não só dos países em desenvolvimento. Com efeito, a introdução da mecanização e o recurso à automatização para execução de tarefas repetitivas que não exigem qualquer raciocínio, tiveram como consequência um deslocamento da procura de mão-de-obra dos sectores primário e secundário para o dos serviços.

* Comunicação apresentada no 4.º Colóquio Hispano-Português de Documentación Informativa, Madrid, 10-12 de Novembro de 1982, pelo representante da BAD.

** Técnico Superior do Centro de Documentação Científica e Técnica, do Instituto Nacional de Investigação Científica.

Por outro lado, as estruturas responsáveis pela formação, em particular os ministérios da educação, não acompanharam essa evolução com a necessária dinâmica pelo que se observam desajustamentos entre a oferta e a procura que em nada beneficiam o desenvolvimento de cada país.

No domínio da informática e da informação, sendo notória a falta de pessoal qualificado, são, no entanto, distintas as situações. A utilização generalizada dos meios informáticos na Europa verificou-se com atraso considerável em relação aos Estados Unidos, mas os próprios fabricantes do equipamento proporcionam a formação de pessoal de forma a promover a sua utilização e a suprir a ausência ou carência de cursos oficiais.

Na área da informação, a situação é bem diferente. A sua importância e o seu poder ainda não são evidentes para muitos responsáveis pela tomada de decisões, pelo que o mercado é pouco aliciante do ponto de vista económico. A evolução tem sido lenta e difícil, embora as perspectivas sejam encorajadoras.

A miniaturização e a espectacular baixa de preços dos computadores, com melhoria de capacidade de execução, torna-os acessíveis à população em geral e vai introduzir modificações radicais no modo das novas gerações encararem e resolverem os problemas. Estas estão já a adquirir o hábito de recorrer ao computador quer simplesmente para brincar, quer para aprender as matérias que constituem o *curriculum* escolar. Sem dúvida, portanto, dentro de alguns anos a informação atingira a sua verdadeira dimensão mas, como agir entretanto?

Sendo grande o atraso da Europa em relação aos Estados Unidos, julgo poder dizer que na Península Ibérica a situação é ainda mais grave. Não só à partida o atraso era maior mas também as transformações sociais que temos vindo a viver impuseram diferente escala de prioridades. No entanto, a evolução é inevitável mesmo que as condições não sejam as melhores e há que tentar estarmos preparados para a enfrentar.

II — A FORMAÇÃO DOS DOCUMENTALISTAS EM PORTUGAL

Em Portugal foi finalmente aprovada a reestruturação do curso de especialização em ciências documentais que, até agora, tinha vindo a ser leccionado na Universidade de Coimbra de acordo com um plano de estudos que datava de 1935!... Por outro lado,

está em vias de ser aprovada a realização de um curso similar na Universidade de Lisboa.

Consequentemente, deverão começar a funcionar em 1983 os novos cursos em moldes adequados às necessidades presentes.

Esta situação só foi alcançada após anos de luta por parte da BAD, com o consumo de muitos quilos de papel onde se gastaram rios de tinta e com a realização de um número sem fim de reuniões e discussões. Como geralmente acontece, nestas condições, apenas se alcançou uma solução de compromisso.

O curso, que é de post-graduação e considerado de especialização, fornece apenas uma formação de base na área das ciências documentais. A sua duração é de quatro semestres com um total de cerca de 700 horas. A partir do terceiro semestre há um ramo para arquivo e outro para documentação e biblioteca. A componente tradicional é pesada mas, além de uma centena de horas para informática documental, há ainda outra centena cuja distribuição será feita anualmente tendo em conta os interesses dos alunos, inerentes à sua formação de base, e outros aspectos de carácter profissional que sejam considerados importantes como complemento das matérias que constituem a base do curso. Por outro lado, houve a preocupação de incluir no *curriculum* uma componente de organização, planeamento e gestão, com vista a familiarizar os alunos com técnicas correntemente aplicadas noutras áreas mas pouco frequentes neste domínio.

Pensa-se que, no final do curso, o aluno dominará as técnicas documentais vulgarmente aplicadas em qualquer centro de documentação e que, além disso, terá uma perspectiva da sua profissão que lhe permita acompanhar a evolução de acordo com o progresso tecnológico. Espera-se ainda que o aluno adquira a competência necessária para saber procurar as soluções adequadas para o caso específico que representará a sua actividade profissional.

III — A FORMAÇÃO ESPECÍFICA

Cada área de actividade tem as suas características próprias, definidas não só pelas necessidades dos utilizadores mas também pelo próprio conteúdo da informação que lhe diz respeito e até pelo material que lhe serve de suporte.

Como é evidente, estas especificidades apenas poderão ser afloradas num curso do tipo a que nos referimos atrás. Para o seu

domínio exige-se uma formação complementar que normalmente terá lugar em simultâneo com o início do exercício das funções profissionais.

Tendo em conta o que já foi dito em relação à situação em Portugal, fácil é de ver que a organização de cursos de formação complementar em áreas específicas está totalmente entregue à iniciativa privada.

A Associação Portuguesa de Bibliotecários Arquivistas e Documentalistas (BAD) tem anualmente um programa de actividades que inclui a realização de vários cursos de pequena duração que, no entanto, raramente têm carácter sectorial. Com efeito, perante a ausência de cursos oficiais adequados às necessidades de formação profissional, a BAD tem procurado trazer a Portugal especialistas de reconhecida competência em diversos domínios de interesse geral para a profissão, tendo ultimamente merecido especial ênfase as aplicações dos meios computacionais. Os raros cursos de carácter sectorial são normalmente realizados por empresas privadas.

Todas estas iniciativas são obviamente insuficientes para alcançar um nível de competência generalizado na profissão. Acresce ainda que é prática corrente em muitas empresas e serviços destacar para os centros de documentação os profissionais com problemas noutros sectores, aos quais, algumas vezes, é proporcionada a frequência de um ou outro curso. Mas, em muitos casos, a «ciência» é-lhes ministrada apenas pelos mais antigos. A sua falta de competência profissional gera, então, a insegurança e esta o receio da competição, a recusa da cooperação, a fuga à discussão. É difícil progredir em tais circunstâncias pelo que urge tomar medidas adequadas.

IV — REACÇÕES ÀS NOVAS TECNOLOGIAS

No quadro descrito, a adesão à utilização de novas tecnologias é extraordinariamente diminuta. O reduzido desenvolvimento tecnológico do País não dá incentivo para adopção de técnicas avançadas. Por outro lado, a indústria portuguesa não tem sentido a pressão da competição, pelo que a rapidez e a eficiência da resposta não são, em muitos casos, críticas. Mas este panorama é muito diferente no que se refere à comunicação social. Os jornalistas pela própria natureza do seu trabalho estão sujeitos a pressões quer

internas quer externas que exigem o funcionamento de centros de documentação com capacidade de resposta quase instantânea.

Para ilustrar o que se passa com a comunicação social, será melhor citar alguns exemplos bem elucidativos da distância a percorrer neste campo:

- Em Dezembro de 1980, 24 horas após a morte de John Lennon, um dos Beatles, os quiosques de jornais londrinos, tinham à venda uma revista com algumas dezenas de páginas, relatando a vida deste ídolo.

Seria possível fazê-lo em Portugal para algum ídolo quer nacional quer estrangeiro?

- Em Outubro de 1982, quando inesperadamente morreu Mendès France, a televisão francesa apresentou em 24 horas um programa de mais de uma hora em homenagem a este grande político, no qual apresentou cenas da sua vida, desde os primeiros actos políticos, anteriores à existência da televisão. Seria possível em Portugal fazer idêntica proeza? Não foi isso que aconteceu quando da morte acidental do Primeiro-Ministro Sá Carneiro.

Estes dois exemplos servem-nos para focar a importância de capacidade de resposta rápida das estruturas de suporte da informação transmitida através do écran ou do papel impresso.

Embora fundamental, não está aqui em jogo a competência dos profissionais que executariam tais trabalhos, mas apenas os meios postos à sua disposição para exercerem as suas funções.

As novas tecnologias põem ao nosso alcance imediato a possibilidade da resposta instantânea, mas elas são apenas veículos, suportes ou instrumentos. O conteúdo é produto do intelecto e não pode ser executado por nenhuma máquina por muito «inteligente» que seja, tal como uma linda garrafa só pode conter um bom vinho se ele tiver sido lá colocado. Há, portanto, que conjugar o melhor de ambos os lados e dotar os responsáveis pela gestão da informação, de conhecimentos que os tornem aptos a dominar as tecnologias, para delas poderem tirar o melhor partido possível.

Nesta perspectiva, é indispensável que a formação profissional seja voltada para o futuro, mas sem perder de vista que o ambiente em que somos forçados a trabalhar mais parece situar-se no passado...

Encontrar o equilíbrio não é fácil e a acção não pode limitar-se à formação profissional. Os utilizadores têm de ser sensi-

bilizados para o problema. O seu desconhecimento das possibilidades existentes torna-os pouco permeáveis à inovação, muito embora a situação não os satisfaça.

Não podemos perder de vista que o utilizador é, na maior parte dos casos, também um produtor de informação e que a forma como ele a produz tem bastante influência na possibilidade da sua utilização rápida e eficaz.

Não é só o documentalista que tem de saber lidar com as novas tecnologias; também o produtor da informação tem de estar predisposto a utilizá-las, trocando, por exemplo, a sua máquina de escrever pelo teclado de um terminal de computador.

V — A FORMAÇÃO PROFISSIONAL PERANTE AS NOVAS TÉCNICAS

A formação profissional em face das novas tecnologias depara-se com 2 grupos de problemas de índole diferente:

— Problemas de carácter psicológico:

- frustração dos documentalistas ao verem-se impossibilitados de aplicar os conhecimentos adquiridos por falta de meios materiais;
- desajustamento entre as pretensões dos documentalistas e as necessidades sentidas pelos utilizadores;
- oposição psicológica ao emprego de meios sofisticados provocada pelo atraso tecnológico do país.

— Problemas de carácter técnico:

- insuficiência de equipamento, devido ao elevado custo deste, tendo em conta uma análise de custos/benefícios no quadro geral actual;
- crise financeira pouco propícia ao investimento;
- falta de meios materiais e humanos suficientes para garantir o funcionamento de cursos regulares neste domínio.

A resolução destes problemas não é fácil, pois eles dependem, em maior ou menor grau, da evolução geral do país. Em minha opinião, a estratégia a adoptar para conseguir progredir neste campo consiste em concentrar esforços nos sectores que, por razões conjunturais ou da sua própria natureza, estão em situação privilegiada para actuar como experiências-piloto.

A área da Comunicação Social parece-me corresponder a este caso. Com efeito, o permanente contacto com congéneres de países mais avançados não pode deixar de influenciar os métodos de trabalho e a utilização das novas tecnologias, sob pena de ser impossível a transferência de informação em moldes aceitáveis. Existe, portanto, logo de início, uma predisposição para a evolução, o que por si só constitui um factor muito importante.

Haverá, portanto, que utilizar todos os meios ao nosso alcance para intensificar a formação dos documentalistas que apoiam dia-a-dia o trabalho jornalístico. Em contrapartida poder-se-á esperar que a comunicação social, veículo privilegiado de divulgação, generalize o conhecimento das aplicações das novas tecnologias, contribuindo para o estabelecimento de um clima psicológico favorável à sua implementação. E, simultaneamente, dê o necessário realce às consequências que poderão resultar da carência de medidas adequadas.